

O CORPO BELO DA GINASTA: UMA ANÁLISE DA REGULAMENTAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO

Loreta Melo Bezerra Cavalcanti

Mestrado em andamento

Dra Karenine de Oliveira Porpino

Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC)

RESUMO

A Ginástica Rítmica (GR) tem sua beleza sucumbida às performances dos corpos, materializadas pelo seus regulamentos. Portanto, partimos da seguinte questão: Como ocorre a construção da beleza nos regulamentos da GR? Objetivamos, assim, analisar a construção da beleza na GR tendo como referência a regulamentação do tempo e do espaço. Para isso, analisamos dois códigos de pontuação: o primeiro divulgado no ano de 1978, e o segundo, em sua mais atual versão, articulando às idéias formuladas por Michel Foucault que apresenta uma cartografia da incidência do poder sobre o corpo e sobre o conhecimento em suas obras.

ABSTRACT

The Rhythmic Gymnastics (RG.) has its beauty lost to the performances of the bodies, materialized for its regulations. Therefore, we leave of the following question: How occurs the construction of the beauty in the regulations of the RG.? We objectify, thus, to analyze the construction of the beauty in the RG. having as reference the regulation of the time and the space. For this, we analyze two codes of punctuation: the first one divulged in the year of 1978, and the second one, in its more current version, articulating to the ideas formulated for Michel Foucault who presents a cartography of the incidence of the power on the body and the knowledge in his workmanships.

RESUMEN

La gimnasia rítmica (RG.) tiene su belleza sucumbida a los funcionamientos de los cuerpos, materializados por sus regulaciones. Por lo tanto partimos de la pregunta siguiente: ¿Cómo ocurre la construcción de la belleza en los regulaciones del RG.? Objetivamos, así, para analizar la construcción de la belleza en el RG. teniendo como referencia la regulación del tiempo y del espacio. Para esto, analizamos dos códigos de la puntuación: primer divulgado en el año de 1978, y el segundo, en su versión más actual, articulando a las ideas formuladas por Michel Foucault que presenta una cartografía de la incidencia del poder en el cuerpo y en conocimiento en sus obras.

1 - INTRODUÇÃO

Este artigo constitui parte das reflexões de uma dissertação em andamento do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A Ginástica Rítmica (GR), cerne do nosso estudo, se mostra como uma manifestação que expressa modelos de beleza pautados em padrões. A determinação desses padrões obedece a lógica do treinamento esportivo, ou seja, a beleza é sucumbida às performances dos corpos, que por sua vez são materializadas pelo código de pontuação da modalidade.

Acreditamos que o estudo das práticas corporais sistematizadas, tais como a ginástica, é de grande valia para a área da Educação Física, pois além de contribuir para maiores investimentos na pesquisa, faz pensar nas manifestações inseridas nos mais diversos contextos; especialmente quando a intenção é mergulhar nas certezas das modalidades para questioná-las, exercício extremamente necessário para ponderar as disseminações das práticas enquanto fenômenos sociais.

Partimos nossos pensamentos da seguinte questão: Como ocorre a construção da beleza nos regulamentos da Ginástica Rítmica? Para tornar almejavável a busca de clarezas envoltas nas presumíveis respostas dessa questão objetivamos analisar a construção da beleza na GR tendo como referência a regulamentação do tempo e do espaço.

Analisamos dois códigos de pontuação, documentos que regeram e regem as regras da GR: o primeiro divulgado no Brasil no ano de 1978 pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD, 1978), sendo escolhido pelo critério de acessibilidade e representatividade, já que é a primeira versão em português encontrada, e o segundo, divulgado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG, 2007) em sua mais atual versão.

No código são encontradas as regras que concernem desde a elaboração de movimentos para a composição dos exercícios ou séries, até as especificações mais detalhadas do que são considerados erros. A primeira versão analisada apresenta-se subdividida em 12 pontos que expressam desde a contextualização do código, as faltas, os exercícios a mãos livres e os cinco aparelhos, ao acompanhamento musical. Na versão mais recente a divisão acontece em quatro grandes pontos: as generalidades, os exercícios individuais, os exercícios de conjunto e a simbologia. Como categorias de análise utilizamos o espaço e o tempo, regulações recorrentes do código, articulando às idéias formuladas pelo nosso interlocutor principal o autor Michel Foucault que apresenta uma cartografia detalhada da incidência do poder sobre o corpo e sobre o conhecimento em suas diversas obras.

2 - RELAÇÕES ENTRE PODER, PRAZER E SABER NA GINÁSTICA.

A rede de relações que perpetua os conhecimentos do corpo não dimensiona um sistema desencadeante linear entre saberes e poderes, mas sim um inacabamento caótico de arrolamentos passíveis de serem lidos – leitura multidimensional - por meio das escrituras do corpo e dos saberes produzidos por este. Seria, se possível, um caos ordenado, uma totalidade corporal capaz de expressar, transcender, mascarar, simular e maquiagem sentidos a todo o momento. Sentidos que se constroem, mas não se edificam, pois aliam-se constantemente a outros sentidos. Uns perduram, uns resistem, estes para resignificar os que perduraram e para transcrever modestamente - não invisivelmente – suas pequenas, mas legíveis marcas sempre consideradas nos textos da construção do conhecimento.

Os conhecimentos do corpo na ginástica configuraram claramente as relações de poder focadas nos próprios corpos, que os adequaram à condição, segundo Foucault (1987), de “corpos dóceis”. Conforme tal autor, durante a época clássica, a partir da segunda metade do século XVIII, o corpo foi descoberto como alvo do poder, dos regulamentos, treinamentos e inúmeros tipos de amoldamentos expressos pelos preceitos escolares, hospitalares, militares e outros procedimentos que cuidavam de controlar e corrigir as operações do corpo. Não seria a primeira vez que o corpo era alvo de investimentos, no entanto, desta vez o corpo é controlado detalhadamente, sem folga, nas minúcias, como uma máquina: exímia economia e máxima eficácia.

Nesse período do século XVIII houve uma inversão das técnicas de amoldamento corporal, já que os instrumentos ortopédicos externos, tais como espartilhos, tutores etc., submeteram-se à utilização do próprio arcabouço muscular como instrumento da correção do corpo (VIGARELLO apud FRAGA, 1999). É a partir dessa pedagogia que ocorre a

estruturação da ginástica, racionalizando os movimentos, sobretudo no nosso caso, no que concerne ao tempo e espaços dos corpos controlados, compreendendo uma regulação moral dos mesmos em virtude de “benefícios e malefícios” ao organismo (FRAGA, 1999).

A regulação, por sua vez, não era idêntica aos sexos. Para os meninos era preciso preservar a virilidade e os corpos robustos. “Às meninas, o vigor necessário para superar os obstáculos impostos pela maternidade, mas sem perder o ‘encanto’ feminino: ser forte em sua ‘missão’, mas, ao mesmo tempo, graciosa em seus gestos” (FRAGA, 1999, p. 215).

A atenção dispensada à educação física feminina não representava nenhum tipo de privilégio social para as mulheres daquele tempo; pelo contrário, esses cuidados se justificavam em razão dos alegados benefícios sanitários transmitidos à prole masculina. De certa forma, defender os exercícios como meio de fortalecer os corpos femininos significava muito mais um aprofundamento da subordinação das mulheres a um modo masculino de se movimentar que qualquer tipo de emancipação social (SOARES, 2003, p.83).

O nascimento da Ginástica Moderna situa-se envolvida tanto pelos alinhamentos da ginástica, quanto pelas particularidades da representação do sexo feminino na sociedade. Talvez a GR seja atualmente a maior expressão caricaturada da representação da mulher na sociedade: o sexo belo. A beleza torna-se, segundo esse preceito, imprescindível à educação da mulher, resulta de esforços, de uma pré-disposição a torturas (SOARES, 2003).

É preciso então refletir sobre de que forma incidem-se as relações de poder-saber que balizam a compreensão da GR como “naturalmente” bela. Que discursos enxertaram essa prática para que seja vista dessa forma?

Utilizaremos as reflexões sobre poder de Foucault (1971, 1979, 1987, 1997, 2003), pois acreditamos na perspectiva de uma intervenção corporal que não acontece flutuando em um plano ideológico, que o poder não é dado em hierarquia, de cima para baixo, do detentor para os detentos, todos somos ao mesmo tempo “vítimas” e “réus” das práticas discursivas¹, pois delas que nos inteiramos em proporções diferenciadas. Segundo o autor supracitado, as análises marxistas e para marxistas tão difundidas nos ramos das ciências humanas, dada sua devida importância, privilegiam a suposição de um ser humano dotado de uma consciência ideológica, modelo fornecido pela filosofia clássica, da qual o poder viria a apoderar-se (IDEM, 1979).

Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder... Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XIX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias (FOUCAULT, 1979, p. 147-148)...

Se para Foucault (IDEM) nada é mais corporal do que a incidência do poder, pressupomos que na ginástica isso ocorre em teores consolidados, que materializam-se nos conhecimentos produzidos através dela, ou seja, a regulação do tempo e do espaço no código diz respeito a isso. Construiu-se na ginástica através dos tempos, saberes referentes às pedagogias corporais, às ciências biológicas, as concepções estéticas, ou melhor, a formas da beleza na ginástica, as quais estão centradas as pretensões maiores deste trabalho.

¹ As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em sistemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm (FOUCAULT, 1997, p. 12).

As pedagogias corporais são considerados por Sant'Anna apud Fraga (2000) como as práticas sociais, históricas e datadas que são responsáveis por produzir os sentimentos, as aparências e a fisiologia dos nossos corpos, ou seja, as relações que os constituem, que, ao nosso ver, também estão imbricadas nas formas de se perceber a beleza em uma manifestação: na ginástica, na GR.

O corpo é resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas. É marcado e distinto muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural. Adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica, um poder que não emana de nenhuma instituição ou indivíduo ou muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas corporais da vida cotidiana (FRAGA, 1999, p. 213).

Para aferir o quão um discurso é penetrado na vida social é preciso observar a naturalidade com que ocorre tal característica inscrita nos corpos. Quanto mais natural, mais seus efeitos são imperceptíveis e maior é sua força do ponto de vista do mecanismo de poder que o induziu (FRAGA, 2000). Isso abre a perspectiva para pensarmos os efeitos do poder na forma com que percebemos a beleza, pois há objetivismos que norteiam nossos “gostos” e não nos damos conta disso. A GR, por exemplo, é uma modalidade que nasceu para ser bela, beleza pré-concebida, e assim segue seu dever. Entretanto, nos atuais moldes de flexibilidade corporal é possível ser considerada como grotesca por alguém que desconhece a modalidade. Mas de qualquer forma o fato “ser bela” é uma regra, está posto, é “natural” à Ginástica Rítmica. A inscrita está incrustada de tal maneira que é difícil, não impossível, pensá-la como beleza que é constituída.

As técnicas de exercício do poder que nortearam os conhecimentos do corpo voltado a si mesmo foram as disciplinas (FOUCAULT, 1979). Estas configuraram sentidos atrelados à coerção-resistência dos corpos: a produção de discursos. E é pensando a forma de se perceber a beleza como uma trama de discursos construídos por essa relação de saber-poder dos investimentos do corpo na ginástica que consideraremos a beleza na Ginástica Rítmica.

Pensar sempre em sujeitos constituintes da trama histórica torna-se um equívoco quando falamos da produção de discursos, é preciso, de acordo com Foucault (1997a), livrar-nos desta crença, porque o sujeito seria constituído pela trama histórica. Ou seja, é preciso focar uma análise histórica que possa, sem ter sempre de se referir a um sujeito, dar conta das constituições dos saberes, dos discursos e dos domínios de objeto, o que dimensiona o conceito de genealogia dado por este autor.

As práticas discursivas caracterizam-se pelo recorte de um campo de projetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito de conhecimento, pela fixação de normas para a elaboração de conceitos e teorias, cada uma delas supõe, então, um jogo de prescrições que determinam exclusões e escolhas (FOUCAULT, 1997a, p.11).

É preciso compreender o corpo como construção discursiva, que vem sendo vivido através investimentos vários: tecnologias, meios de controle, produção e consumo, prazer e dor (GALLAGHER e LAQUER apud FRAGA, 2000). O corpo no esporte de rendimento, inclusive na GR, é produto dessas intervenções, que no nosso caso, dimensionam para compreensão de beleza que faz ganhar títulos.

Sendo um desporto que objetiva alcançar, dia a dia, a perfeição técnica, horas de treinamento são utilizadas para a formação de uma ginasta. E todos os esforços despendidos dentro de uma estrutura de treinamento são dirigidos praticamente para um único fim: a vitória em competições, a formação de ginastas capazes de performances até então consideradas inatingíveis (LAFFRANCHI, 2001, p.3).

A ginástica perpassou e perpassa discursos vários (médicos, pedagógicos, artísticos), e produz através destes, os seus. O treinamento esportivo, ciência comum a

todas as práticas competitivas, principalmente olímpicas, se afina às particularidades da Ginástica Rítmica, que o toma como referência produzindo especialidades que procuram reduzir as possibilidades de imprevisão ocasionada pela técnica que é fruto da criação subjetiva. Desta forma, o mesmo leque aberto que sucumbe a GR à arte filtra saberes necessários e determina outros.

Os discursos dos corpos das ginastas são permeados por relações de poder. Essas relações de poder foram constituindo saberes do corpo, domínio e consciência corporal através da ginástica, da exaltação do corpo belo, que conduziram ao desejo do próprio corpo por uma cautela obstinada, insistente e meticulosa (FOUCAULT, 1979).

A partir do momento em que o poder produziu este efeito, com consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (IBDEM, p.146)...

Dessa forma, constatamos que a resistência é uma condição essencial para que o poder possa existir e, principalmente, para que haja contrapartidas de constituição de conhecimento.

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vem de todos esses vínculos. É por isso que a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa (IBDEM, p. 148-149).

Vale ressaltar que a resistência não resulta da repressão, pois o poder não é absolutamente repressivo, pois seria impossível aceitar somente a negação. O que faz com que o poder seja aceito é sua permissividade, sua produção de discursos, sua indução ao prazer. “Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir” (IBDEM, p.8).

Até se considerarmos a concretização mais contemporânea do poder na Ginástica Rítmica, que é o esporte performance, existem muitas justificativas prazerosas que fazem com que adolescentes destinem grande parte de suas vidas à prática dessa atividade. Não me refiro necessariamente à ascensão da vida profissional, mas a um aspecto maior que faz com que até um atleta amador se doe completamente àquela causa: o esporte, o desafio. E sobre essa relação prazer-poder Foucault (1988, p. 48) reflete: “Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se entrelaçam e relançam. Encadeia-se através de mecanismos complexos e positivos de excitação e incitação”.

A plasticidade do corpo o faz, em razão da resistência, produzir mais. Ao folhear o mais novo código de pontuação de Ginástica Rítmica (FIG, 2007), encontramos inúmeras transgressões e superações das ginastas desde a versão publicada no Brasil em 1978 pela Confederação Brasileira de Desportos. A começar pelos níveis de dificuldades dos exercícios que na década de 70 recebiam duas graduações: nível médio e superior, e que atualmente têm dez graduações: dificuldades A, B, C... J, e assim por diante. Em vários pontos da trajetória de revisão do código este se tornou obsoleto pela produção do corpo através da adequação nele mesmo. É assim que as vias do poder gritam, materializadas, aos nossos olhos: o código constrói a ginasta e a ginasta constrói o código.

3 - O CÓDIGO DE PONTUAÇÃO: REGULAMENTAÇÕES DE ESPAÇO E TEMPO.

Partiremos agora para uma análise mais atenta ao poder na Ginástica Rítmica, nos norteando pelo elenco de pontos da disciplina² apresentado por Foucault (1987). Ainda que nesta oportunidade o autor foque suas reflexões para o contexto das práticas punitivas, ele deixa claro que similarmente outras instituições se pautavam nas características das instituições penais, tais como escolas, hospitais, quartéis, pois coligavam entre si as relações de poder sobre corpos.

Um capítulo da história do corpo foi constituído junto à história da penalidade do século XIX, retratada pela interrogação das idéias morais, pela história da moral. “O corpo não precisa mais ser marcado; deve ser adestrado, formado e reformado; seu tempo deve ser medido e plenamente utilizado; suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho” (FOUCAULT, 1997, p. 42).

Além da história dos corpos, alia-se a história das relações entre os corpos e o poder político, controle, sujeição, poder direto ou indireto. Cria-se uma nova ótica, mecânica, fisiologia, disciplina e normalização (FOUCAULT, 1997).

Nós começaremos nossas análises desse corpo atrelado a análise das instituições penais, e que perpassa outras instituições, no nosso caso a esportiva, através dos espaços. Os espaços de treinamento simulam os espaços competitivos, registrados na versão mais nova como um quadrado de 13m de lado, os deslocamentos para além da área permitida - o tablado - são vetados desde as sessões diárias. Em uma quadra de treino é possível observar a cerca, um lugar heterogêneo, com várias funções (FOUCAULT, 1987), o âmbito do clube, mas fechado em si mesmo, e as localizações funcionais (IBDEM), com lugares isolados e utilitários, ou seja, local para as aulas de ballet, local para o treino de flexibilidade, local para treinamento de força etc. O corpo, durante o treinamento, sofre quadriculamento (IBDEM) numa área de 13 x13 metros, e desse espaço não sai. Nas competições ocorre o mesmo, sendo que desta vez o corpo já adestrado não se permite extrapolar o quadrado, a não ser por um erro imprevisto.

Já os espaços do corpo, prescritos pelos movimentos, obedecem a classificação da variabilidade, porém fechada na técnica característica.

Analisemos os horários. O tempo e regulamentação da série é que determina o tempo de amoldamento dessa ginasta. Os horários são previstos para atividades das sessões de treinamento e para além deste. A vida da ginasta é um ciclo rotineiro regado pelo tempo, que é controlado para garantir seu emprego com qualidade. Treino, alimentação, sono, estudos e tempo livre. Este último serve para realizar todas as outras atividades da vida de uma jovem normal, namoros, amizades, passeios, família etc. Porém, mesmo no tempo livre não é permitido se exceder, para que o corpo esteja pronto para produzir bem nos momentos “úteis” da vida da ginasta.

Foucault (1987, p. 129), ilustra o controle do tempo dos funcionários de uma indústria no início do século XIX: “O tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício”.

A repetição da seqüência coreográfica de um minuto e quinze segundo a um minuto e meio da GR mais recente acaba sendo a própria medição temporal dos movimentos e que determina todo o processo de treinamento. Um movimento, seqüenciado pelo outro recebe uma interpelação determinada pelo corpo e pela métrica musical, embora menos por essa segunda, porque é aos poucos é que essa sintonia ocorre. O próprio corpo se encarrega de elaborar o tempo do ato. “O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (IBDEM, p.129).

² “A disciplina é um princípio de controle do produção do discurso. Fixa-lhe limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1971).

Quanto mais se fraciona o tempo, mais é possível extrair dele mais tarefas. Um minuto e trinta segundos, dois minutos e trinta segundos, tempo máximo regulamentado para que uma ginasta individual apresente o melhor de si, a seleção dos melhores movimentos com o corpo e aparelhos, melhor música e coreografia, a mais bela, a mais original, o encadeamento mais perfeito das composições. Inversamente proporcional ao tempo cronometricamente contado da série é o tempo dos treinamentos, também contados, mas se valendo da extensão: horas, horas e horas que se resumirão a um minuto e meio, uma previsão intensa e detalhada de como o corpo da ginasta vai responder naquele pequeno momento.

Outra perspectiva está em executar certo número de vezes a série sem erros, que pode ter uma duração de quinze minutos ou de várias horas. Isso só vai depender do aperfeiçoamento dos gestos, essa é uma fase do treinamento em que infere-se que a ginasta, já adestrada naqueles gestos, é capaz de executar seus exercícios sem falha (LAFFANCHI, 2002). “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 1987, p.130). Ou seja, eficiência e rapidez precisam caminhar juntas, o gesto disciplinado confere à ginasta uma atitude corporal voltada ao movimento eficiente.

Além de eficiente, o corpo da Ginástica Rítmica é instrumentalizado por si próprio, pois se utiliza de suas próprias forças para alcançar uma performance, ou para exprimir esse controle pode fazer uso de outro instrumento. Nessa forma de pensar, o poder incide na operacionalização instrumental, não apenas na produção do produto. Visualizando este ponto na Ginástica Rítmica seria simplório pensar nos aparelhos portáteis (arco, bola, maçãs, corda e fita), pois eles já implicam uma manusear codificado que brinca de manipulado e manipulador com a ginasta no momento da competição e nos treinamentos. Aparelhos como plintos, colchonetes, bancos suecos, espaldares, barras e o próprio tablado expõem melhor essa operacionalização. Para se conseguir o desempenho desejado é preciso manejar com propriedade e método esses objetos (LLOBET, 1996).

O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais do que da física especulativa; corpo manipulado pela autoridade mais do que atravessados pelos espíritos animais; corpo de treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações regionais (FOUCAULT, 1987, p. 132).

Segundo Foucault (1997), o sistema de comunicação, registro, acumulação e deslocamento, que é uma forma de poder, é essencial para a formação de um saber. Em compensação, nenhum poder se pratica sem o acúmulo, apropriação e distribuição de uma saber. Existindo dessa maneira formas do poder-saber. dessa forma compreendemos que da versão de 1978 a versão de 2005 – 2008 dos códigos de pontuação, muitos registros, acumulações e formações de saberes foram compartilhados. Basta dizer que o número de páginas na primeira versão não passava de 53 e que na segunda passa das 132 sem os anexos e erratas explicativos.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos o código de pontuação de Ginástica Rítmica como a materialização mais concreta das relações de poder que adequam o corpo, mas que foram produzidos por este. E mais, responsabilizamos essa produção pela busca incessante do belo, obviamente embasado pelas performances desse corpo. É possível perceber também que essa beleza é conquistada cada vez mais a partir da técnica criada através dos tempos que é pormenorizada pela capacidade das próprias ginastas.

Para além das questões analisadas nesse trabalho, o espaço e o tempo nos códigos de pontuação, a GR é passível de muitas outras que compactuam com os pensamentos desse nosso interlocutor principal, Foucault. Isso porque este autor versa sobre campos

proximais da ginástica como a medicina, o poder sobre o corpo e as relações de poder nos saberes da biologia etc.

Para finalizar, utilizaremos uma citação de Foucault (2003, p. 25) quando este parece nos dizer da necessidade de se experimentar o novo, as novas experiências estéticas para além das previsões da metrificacão da beleza.

Devemos nos liberar desse conservantismo cultural, tal como devemos nos liberar do conservantismo político. Devemos desmascarar nossos rituais e fazê-los aparecer como são: coisas puramente arbitrárias, ligadas ao nosso modo de vida burguês. É bom – e isso é o verdadeiro teatro – transcendê-los através do modo do jogo, através de um modo lúdico e irônico; é bom ser sujo e barbudo, ter cabelos compridos, parecer uma moça quando se é um rapaz (e vice-versa). É preciso pôr “em cena”, exhibir, transformar e derrubar os sistemas que nos ordenam pacificamente.

REFERÊNCIAS

- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS. Código de Pontuação de Ginástica Rítmica Desportiva. Palestra edições: Rio de Janeiro, 1978.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Código de pontuação Ginástica Rítmica. 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. Coleção Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2003.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução Raquel Ramallete. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Org. e Tradução Roberto Machado, 22ª ed. Rio e Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *A ordem do discurso*. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html>, 1971.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FRAGA, Alex Branco. *Pedagogias do corpo: marcas de distinção das práticas escolares*. In: KRUG, Andréa e Azevedo, José Clóvis. *Século XXI: Qual o conhecimento? Qual o currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LAFFRANCHI, Bárbara. *Treinamento Desportivo aplicado à Ginástica Rítmica*. Londrina: Unopar Editora, 2001.
- LLOBET, 1996
- PORPINO, Karenine. *Treinamento da Ginástica Rítmica: reflexões estéticas*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: V. 26, N.1, Setembro, 2004.
- SOARES, Carmen Lúcia e FRAGA, Alex Branco. *Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas desalinhas*. In: BITENCOURT, Agueda Bernadete; IVETO, Jorge M. (org). *Pró-posições / Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação*. Campinas – SP. V. 14, n. 2, maio / agosto, 2003.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Pedagogias do corpo 1*. disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/car1.htm>. 2003.
- Rua Raimundo de França, 51, Vila de Ponta Negra, Natal – RN Cep. 59090-486
loretamelo@hotmail.com